

ENSAIO

A Primeira República vista pelas letras

Adelto Gonçalves

De tempos em tempos, o Brasil se passa limpo e esquece tudo o que passou. Não estamos aqui fazendo nenhuma alusão ao atual governo do presidente Lula que, esquecido do que prometeu, em nome da sobrevivência política, compõe-se com aqueles que o acusavam de querer botar fogo no País e descarta os companheiros de ontem.

Escrevemos, isso sim, a propósito das estratégias do esquecimento de que trata o livro *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, do Nicolau Sevcenko, professor de História Social da Universidade de São Paulo, que, publicado em 1983, acaba de ganhar uma edição revista e ampliada com um posfácio inédito e sumamente oportuno.

As estratégias do esquecimento no Brasil têm um de seus marcos simbólicos no começo do regime republicano, com a queima dos arquivos sobre a escravidão a mando do ministro plenipotenciário das Finanças, Rui Barbosa, defensor da modernização do país ao estilo anglo-saxônico. Hoje é difícil imaginar como um homem de cultura da têmpera de Rui Barbosa possa ter tido a insana idéia de mandar queimar os papéis, imaginando talvez que o fogo purificasse a chaga da escravidão. E que, a partir daí, esse período fosse apagado da História brasileira.

O outro marco é a queima dos capitais da elite imperial com o Encilhamento, nome que assinalou a emissão de moeda e de ações que geraram enormes especulações, disparando a inflação, propagando a pobreza e fazendo nascer uma classe de arrivistas ricos. Paralelamente a isso, deu-se o movimento da Regeneração que teve como marco inaugural o bota-abixo da área central do Rio de Janeiro, a mais densamente povoada, sob a tutela do

presidente da República, o fazendeiro paulista Rodrigues Alves, que culminou com a derrubada em 1920 do morro do Castelo, que havia assistido à fundação da cidade por Estácio de Sá.

Explica-se: o centro do Rio de Janeiro colonial havia se transformado em extensos pardieiros ocupados por gente pobre. Essa população foi mandada para os subúrbios ou para os morros que cercam a cidade e, no lugar daquele casario, ergueram-se prédios no puro estilo *art nouveau* rigorosamente copiado das grandes capitais européias, inaugurando-se em 1904 a Avenida Central, hoje Rio Branco, para dizer ao mundo que nos trópicos havia uma civilização.

O resultado hoje é que não há quase resquícios da cidade colonial do Rio de Janeiro, assim como em São Paulo, cuja burguesia também fez questão de fazer desaparecer as lembranças desse período da História.

Para provar que é possível ler a história simultaneamente ao ato de ler a literatura, “reproduzindo como que pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura”, Sevcenko escolheu dois autores representativos do período da *Belle Époque* brasileira: o engenheiro Euclides da Cunha (1866-1909), descendente de portugueses e sertanejos baianos, e o amanuense Lima Barreto (1881-1922), mulato, que por problemas financeiros teve de desistir, logo depois de matriculado, de estudar Engenharia.

Euclides Cunha, escritor intelectualizado, de forte conteúdo positivista, é o autor de *Os sertões*, um clássico da literatura brasileira que retrata a Guerra dos Canudos, episódio em que um ensandecido exército republicano massacrou ao final do século XIX pobres sertanejos no interior da Bahia, tomando-os por ameaça à República. Dirige-se ao leitor com uma linguagem extremamente apurada, rebuscada e versada em estilo elevado.

Já Lima Barreto, com uma linguagem despojada, mostra-se preocupado em se fazer entender pelo maior número possível de pessoas num país em que os níveis de analfabetismo eram escandalosamente altos.

Os dois tinham distintas maneiras de ver o mundo, mas ambos eram desiludidos com a evolução do regime republicano. Como estudante do Colégio Militar, Euclides se empenhara pessoalmente pela chegada da República, mas, pouco depois, já se mostrava contrariado com o que via, a república dos conselheiros, ou seja, dos fazendeiros de café. Preferia apostar na indústria e acreditava na força da iniciativa privada como capaz de impulsionar o desenvolvimento do país.

Para Lima Barreto, era justamente o grande empresário que representava a maior ameaça à sociedade. Quer fosse ele o latifundiário, o especulador, o proprietário de “falsas indústrias” que vivia a mamar nas tetas públicas ou ainda o grande cafeicultor que fraudava as leis do mercado mediante estoques financiados, lesando toda a nação. Ele era revoltado também com o comportamento dos jornais que faziam campanhas financiadas para apoiar determinadas obras, beneficiando empreiteiros. Como se vê, a prática de favorecer empreiteiros não vem de hoje.

A quase totalidade das gazetas era de proprietários de origem portuguesa, colônia que também dominava o comércio e a indústria da cidade. O escritor achava que os portugueses ficavam também com os melhores empregos – um patrão português sempre optava por um empregado português, em vez de prestigiar o trabalhador nacional – e era contra a imigração de europeus para o trabalho na lavoura.

Para Lima Barreto, a monarquia havia atingido um nível satisfatório e promissor de relacionamento com as diferentes etnias, processo que fora bruscamente interrompido pela emergência da burguesia republicana. A

República, entendia, constituía apenas um novo pacto entre as elites, com prejuízo para os menos favorecidos, uma situação que sentira na própria pele, ao ver o pai, desempregado, enlouquecer.

Escrito em estilo claro e fincado em extensa bibliografia, *Literatura como missão* foi originalmente tese de doutoramento. Também professor visitante na Universidade de Londres e nas universidades de Georgetown e Illinois (EUA), Sevcenko, aos 51 anos, já nos deu outros livros importantes como *Orfeu extático na metrópole* e *A corrida para o século XXI – No loop da montanha russa*, além de ter coordenado o terceiro volume da Coleção *História da Vida Privada* no Brasil.

LITERATURA COMO MISSÃO: TENSÕES SOCIAIS E CRIAÇÃO CULTURAL NA PRIMEIRA REPÚBLICA, de Nicolau Sevcenko. São Paulo, Companhia das Letras, 420 págs., 2003. E-mail: editora@companhiadasletras.com.br

Adelto Gonçalves, doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, é autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona Brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002) e *Bocage – o Perfil Perdido* (Lisboa, Caminho, 2003). E-mail: marilizadelto@uol.com.br